

Robson: Depois?

Márcia: Isso. Eles saíram atirados e aí?

Robson: Aí eles passaram na casa do velho... deixaram lá... acho, não, é quem ficou lá na casa do velho, quem foi para o hospital.

Cecília: Quem ficou na casa do velho?

Robson: O Jorge.

Márcia: Por quê?

Robson: Porque senão ia dar ROTAM porque ele era negro.

Márcia: E o que você acha disso?

Robson: Eu acho isso racismo, uma discriminação...

Márcia: Sua colega quer falar agora, obrigada. Berta, fala.

Berta: Que nem o Robson tava... desculpa... (...). Que nem o Robson tava comentado, por causa de negro, mas hoje é a realidade. Mas, acho assim, que tava certo. Não que eu concorde com isso, mas é a realidade que a gente vive hoje. Se tem um preto e um branco, o branco é o inocente. *(Algumas vozes protestam. A VMA pergunta se alguém quer comentar o acontecimento com o Jorge, oferecendo bombons aos alunos. A aluna Amália pede para comentar).*

Márcia: Deixo, deixo a Amália comentar. Então fala, Amália.

Amália: Então tá. Ele ficou na casa dele, e, na casa do tio lá, do velho, tio não, do velho, por causa que hoje em dia é, esse preconceito acontece demais, não só aqui no Brasil, não só aqui na cidade, não só em São Paulo, mas no mundo inteiro. Hoje em dia as pessoas falam que elas são mais abertas com relação a esse preconceito, que não existe, mas existe sim! Se você pegar de dez pessoas que falam “não, não tem preconceito nenhum”, e fizeram já um teste em que eles mediam as... ondas cerebrais das pessoas quando elas vinham, das pessoas negras e das pessoas brancas. A maioria delas, na verdade, tinha um preconceito delas mesmo, tinha um preconceito, assim, não aquele preconceito enorme, de que não pode ver, mas tinha. O cérebro não deixava elas mentir. Hoje em dia existe isso, e... eu não sei porque isso acontece, porque hoje em dia, em pleno século XXI, a gente tem tanta tecnologia, a gente tem tanta informação, e hoje em dia ainda acontece isso, hoje em dia ainda acontece das pessoas acharem que por causa da cor você é melhor do que outra. Hoje em dia, isso pra mim, eu não sei porque acontece. Mas, hoje em dia, se você ver uma pessoa, igual a Berta falou, se você ver uma pessoa negra e uma pessoa branca, as pessoas sempre acham que aquela pessoa negra vai ter o envolvimento e aquela pessoa branca vai tá de fora, vai ser o “burguesinho” que entrou naquilo porque tava na hora errada no lugar errado. E na maioria das vezes não é assim, porque igual o livro fala, vai um bando de riquinho pra favela comprar droga e voltar, e às vezes eles acabam não sendo presos, quem é preso é quem oferece essa droga, assim, que lógico que tem uma porcentagem de culpa, mas nem essas pessoas vão, por causa da riqueza e por causa delas serem duma cor assim “considerada” melhor, o que não é verdade. Então, acho que isso acontece, o livro mostra bastante uma realidade que acontece. *(Amália recebe uma salva de palmas após o término de sua fala).*

Márcia: Mais alguém quer comentar esse trecho? Mais alguém quer comentar esse trecho? (...). Alguém quer comentar o relacionamento do Marcos com os meninos? O relacionamento dele entre amigos?!

Antônio: Eu acho assim, que quando a pessoa se relaciona com uma pessoa mais velha, ela tem o pensamento diferente de quando ela se relaciona com uma pessoa da mesma idade, pois as relações são realmente diferentes, porque a pessoa mais velha, por exemplo, já tem mais experiência, essas coisas, e o próprio adolescente se deixa levar pela idade, assim, porque, quando se relaciona com uma pessoa assim da própria idade, ele tenta demonstrar o melhor deles...

Márcia: Isso você tá falando em relação ao relacionamento de quem no livro?

Antônio: Do Marcos mesmo. Com relação a Beth e a Priscila e a Flávia, essas relações, porque quando ele se relaciona com elas ele tentava demonstrar que ele tava... é... a melhor parte dele, que ele era educado, essas coisas. Quando ele se relacionava com a Beth ele não pensava muito nisso.

Márcia: Por que ele não pensava nisso com a Beth?

Antônio: Porque, assim, a relação entre ele e ela não era uma relação muito provável por causa da idade deles... por causa da... da Beth, assim... muda o relacionamento de acordo com a idade...

Márcia: Tá, obrigada. Mais alguém? Não?!?!?

(O áudio é encerrado).

Márcia: Então, a Amália vai contar pra gente um resumo da história . A Amália vai recontar a história da “Feiurinha” pra gente.

Amália: É... a história do que acontece depois do “felizes para sempre”. O que que aconteceu, assim, o que a gente imaginou, e que o autor do livro que a peça foi baseada, do Pedro Bandeira, acho que é, acho que é ele, e, o que que aconteceu, de acordo com ele, e com a gente, por causa que a peça também teve um toque nosso, que que aconteceu depois que as princesas se casaram, por causa que em todas as histórias sempre começa com “era uma vez” e termina com “felizes para sempre”, nunca conta, nunca fala assim “ah, que eles tiveram filhos...” só fala que eles se casaram e viveram felizes para sempre. A peça trata assim, de um ponto de vista cômico, o que acontece com elas, se as princesas todas se tornam todas comadres, assim, daquelas que vai na casa das outras pra focar da vida alheia, os príncipes todos se tornam assim, aqueles maridos mesmos bem típicos, que domingo vai no futebol, bebe cerveja, volta pra casa, e a mulher briga por causa que tá todo sujo, então a gente retratou foi o dia a dia do que que aconteceu com elas, depois da vida de casadas e de terem os filhos.

Márcia: Tá, então tem um trecho aqui que vocês falam que o Chapeuzinho tem inveja das outras que têm um marido. O que vocês acham disso? Alguém quer comentar? Só um minutinho...

Maura: (...) ela também quer ser princesa. Acho que é inveja.

Márcia: Então é por isso ela tem inveja da outra que tem marido?

Maura: Ah, eu acho que é.

Robson: Então, Robson. O que você acha da Chapeuzinho Vermelho ter inveja das outras pessoas que tem marido?

Robson: Eu acho que é porque no final da história dela, ela terminou a história sem nenhum beijo, só com o Lobo Mau sendo morto, né? Enquanto as princesas tinham um príncipe, ela ficou com inveja, e aí queria um príncipe pra ela também.

Márcia: Por quê?

Robson: Por quê?

Márcia: É. Por que que ela queria um príncipe pra ela também?

Robson: Pra ela não ficar sozinha no final das contas.

Márcia: Pra ela não ficar sozinha... Tem mais alguma coisa? Obrigada... O que você comentou, Leila?

Leila: Não, que era pra história ser feliz...

Márcia: Por que ser uma história feliz? Ela precisa ter um marido pra isso?

Leila: Não, mas ela quer uai...

Márcia: Tem outro trecho que diz o seguinte, que durante o trabalho de vocês, eu ouvi que a princesa de “a Bela e a Fera” não poderia ter esse corpinho, porque ela comia pão várias vezes ao dia. O que vocês acham disso?

Burburinho

Márcia: Agora quem vai falar é o Gerson.

Gerson: Não, porque eu acho, tipo assim, porque elas colocaram que o fato dela comer pão três vezes ao dia, ela tinha que ter uma alguma mágica pra ela ser magra e não engordar tanto...

Márcia: O que você acha dessa história dela ser magra?

Gerson: Aiiiiii...

Márcia: Carla, comenta aí então...

Carla: Ah, mas só eu, eu vou ficar encabulada... eu nunca fiquei encabulada, tá? É por causa que a gente comentou isso por causa do estereótipo que existe. Você tem que ser magra, você tem que ser magra não importa o quê, você tem que fazer tudo pra ter aquele corpo. É assim, até eu brinco com a minha mãe que todas as vezes que a gente vê passar uma... uma como é que fala... pintura dos séculos passados, assim, de Leonardo Da Vinci, daquela época que a gente está estudando, eu pego e falo assim: “nossa, mas se eu vivesse naquele tempo, eu teria “o” corpinho”, por causa que os padrões foram mudando ao longo do tempo. Antes a mulher que tinha mais curvas, assim, digamos, assim, um “excesso de gostosura”, era assim, vista com bons olhos, assim, com “a” forma. Hoje em dia, você tem que ser magra, por causa dos padrões que, principalmente da televisão e a cultura, vamos dizer assim, da televisão e de tudo que está em volta da gente, força a gente a ser magra, principalmente sobre as mulheres que caem isso.

Márcia: Gerson, o que você acha do que ela falou, de ter essa ditadura da magreza para as mulheres?

Gerson: Ah, eu acho que o que ela falou também tá certo, mas, que nem as passarelas, assim, que é tudo magrinha, que não tem ninguém mais gordinha.

Márcia: Mais alguém tem algum comentário com relação a essa ditadura da magreza? Não? É... Guilhermezinho, esta aqui é especial pra você. Teve um momento lá no trabalho de vocês com a "Feiurinha" em que você se encontra com os amigos numa mesa de bar. O que vocês comentam?

Guilherme: A gente comenta sobre o que a gente acabou de fazer, a gente tinha acabado de chegar do "racha", né, aí comenta, né? Começa já o assunto das mulheres, porque eu tinha que envolver, assim, um diálogo que levasse até ao Chapeuzinho, ao encontro de nós dois, aí chegamos.

Márcia: O que mais vocês falavam das mulheres?

Guilherme: Ah, a gente chegou e começou a conversar: "Nossa, o jogo foi muito bom, aquela torcida, aquelas mulher lá era muito legal, né? Tal, muito boa; tá, mas eu não posso", né, porque os meninos falavam, porque eles já eram casados e eu não, então eu falei assim: "mas, não tem como, eu não tenho chance". Mas e a Chapeuzinho? Aí, já mudou pra outro assunto...

Márcia: As mulheres, quando elas estavam reunidas, elas estavam falando sobre outras coisas, elas falavam sobre o quê? Você se lembra, Thaís?... Leila! Desculpa...

Leila: Não, as meninas falavam em arrumar alguém pra Chapeuzinho, que no caso era o príncipe, e nisso elas ficaram comentando que, sobre os maridos delas, que nos dias da atualidade, como a gente retratou na peça, eles ficaram, tipo bebendo, jogando futebol, e aí pra ela não ficar "encalhada", ficaram lá, elas tentaram achar um príncipe encantado pra mim.

Márcia: Você era a Chapeuzinho, né?

Leila: Isso.

Márcia: Olha só, parece que existe uma diferença entre o tipo de papo no grupo das meninas e no grupo dos meninos, você notou isso?

Gerson: Elas já foram direto ao ponto, né?

Márcia: Que ponto é esse?

Gerson: De arranjar o príncipe, que era eu, pra "chapéu". A gente não, a gente foi levando um assunto ao outro, a gente chegou até... a rodear.

Márcia: Então tá. Olha só, tem outra situação quando... as princesas estão reunidas, né? E os príncipes entram com os pés sujos. Aí elas brigam, né? E falam assim que "era pra eles voltarem e limparem os pés, porque não eram eles que limpavam o chão". Vocês se lembram disso? Não limpavam. O que vocês acham dessa situação de... vocês parecem que separaram bem quem faz o serviço doméstico e quem deixa de fazer, uma divisão sexual de trabalho. O que vocês acham disso? Amália!

Amália: A gente fez isso por causa que... sem risadas, por favor... a gente já fez isso por causa que as histórias estão mais centradas no passado, aonde a mulher lavava o chão e o homem trazia a comida pra casa. Hoje em dia não existe isso mais não, meu marido, por exemplo, se ele quiser lavar, se ele quiser assim, ter um prato limpinho enquanto a ajudante não vier, ele vai ter que lavar. A gente acha super injusto, porque o homem, com o tempo, ele não mudou o trabalho dele. A mulher mudou, aliás, a mulher não mudou, ela acumulou trabalho, porque agora além de cuidar da casa e cuidar dos filhos, ela tem que trabalhar fora. Isso é uma injustiça! Aí os meninos ficam posando de machão, falando que "não, eu não vou lavar não, eu não vou esfregar o chão", ah, então vai ficar sozinho o resto da vida, porque hoje em dia não é essa coisa de "mim manda, você faz". Não tem nada a ver.

Márcia: Luis Fábio? Luis Fábio, o que você acha da fala da Amália?

Luis Fábio: É...

Márcia: Se você estivesse com uma mulher como a Amália, o que você acharia?

Luis Fábio: Bom, eu sou homem, não sei...

Márcia: Hã?

Luis Fábio: Eu sou homem, não sei, não tenho a mínima idéia...

Márcia: Seu colega quer falar... Hélio!?!?

Hélio: Hélio. Eu acho que ela não ia conseguir arranjar marido.

Márcia: Por quê?

Hélio: Uai, porque o homem precisa de uma mulher pra arrumar roupa, lavar...

Márcia: Então, espera um minutinho. Obrigada, Hélio. Você, Lauro, comente isso.

Márcia: Fala, Lauro.

Lauro: Eu acho que não tem nada a ver isso, porque ocorre que meu pai é separado da minha mãe e é ele que cozinha, ele que lava as coisas e que o Hélio vai se "foder" muito na vida.

Márcia: Obrigada. Você, Robson, falou "nossa", porque você se espantou?

Robson: Eu só falei "nossa", porque ele falou aquela palavra lá.

Márcia: Mas o que você acha da situação, Robson?

Robson: Eu acho assim, antigamente, era desse jeito, mas hoje em dia, já mudou muito essa situação. Eu acho que já é mais dividida as tarefas.

Márcia: É o que você acha disso?

Robson: O que eu acho?

Márcia: É, dessa mudança?

Robson: Eu acho bom, porque a mulher parecia antes mais uma escrava do que uma mulher, ela fazia tudo. Hoje em dia já é tudo mais dividido. Eu acho bom.

Márcia: Olha, o Guilhermezinho falou do feminismo do Robson, então ele vai comentar, você dá razão pra ele ou não? O que você acha?

Guilherme: Eu dou razão sim, foi só uma brincadeira, eu concordo com o que ele falou, que as mulheres antigamente eram muito escravas, assim, não é que hoje não tem que ser não, mas, seria bom liberar um pouquinho, né?

Márcia: Então tá. Mais alguém quer comentar? Agora eu tenho outra situação aqui que foi colocada no trabalho de vocês. É... alguém pediu para que uma princesa trouxesse uma cerveja, e a princesa, acho que representada pela Amália, respondeu assim: "você sabe muito bem o caminho". O que vocês acham também dessa situação de um homem, aqui no caso do trabalho de vocês, pedir tudo na mão e algumas princesas atenderem, e a Amália se revoltar? Alguém quer comentar? A Guilherme?, comenta, Guilherme.

Gina: Não, o homem naquela época acaba se acomodando, com a situação daquele machismo todo de mulher no fogão, homem trabalhando fora para sustentar a casa e... acaba que ele se acostuma com isso e praticamente... fica por conta, é a mulher que faz pra ele, e ela no caso, pratica o feminismo e fala não, impõe os direitos dela, também fica quieta no canto dela e fala "você quer, pega da geladeira!"

Márcia: Você falou isso com relação ao passado. E hoje?

Gina: Hoje é menos, são menos os casos dos homens machistas...

Márcia: E o que você acha de ainda acontecer isso?

Gina: Não sei...

Márcia: Mais alguém quer comentar? Você, que tá toda sorridente...

Sinal

7 de novembro de 2005

Grupo focal

Cecília: Prontos? Teve um dia que foi discutido aqui na sala um provérbio. Esse provérbio era "mulher no volante, perigo constante". Algumas pessoas... algumas pessoas deram aqui a sua opinião a respeito desse provérbio e uma pessoa que se posicionou foi a Amália – a primeira delas a se posicionar – que disse que o provérbio era mentiroso, e que o fato da pessoa ser "barbeira" ou alguma coisa nesse sentido não depende do sexo, se é mulher ou homem, depende da pessoa aprender a dirigir e depende da capacidade da pessoa, e disse também, a Amália também disse que eu acho que na maioria das vezes é mais mulher neste provérbio porque a gente tem aquela tendência de saber, de afirmar quando a gente está errada. Amália, eu queria confirmar o que você disse, o que você acha a respeito desse provérbio?

Amália: É isso.

Cecília: Que mais?

Amália: Não, não posso falar muito... (*a aluna estava muito rouca!*)

Cecília:Lauro! O Lauro disse o seguinte, que acidente de carro é mais de homem do que de mulher porque... porque dos dois, mas ele diz o seguinte (*leio a gravação anterior transcrita*) ainda que mulher no volante também é aquela coisa! Minha mãe, ela vai no volante, o sinal abre e ela continua parada, tem que dez buzinar atrás dela para ela acordar quando o sinal abre. Aí, que nem o professor Soares tava comentando, que uma vez uma ex-namorada dele tava no sinal, a hora que ele viu o sinal tava fechando de novo com ela no sinaleiro. O que você acha da sua fala, Lauro? Você confirma? Tem mais alguma coisa para acrescentar?

Lauro: (...) o que eu falei por último do professor Soares?

Cecília: Isso e que às vezes a mulher tá no sinaleiro, o sinaleiro abre e dez carros têm que buzinar pra mulher sair do lugar.

Lauro: Ah! Por causa disso acho que acontece mais acidente porque num desses o sinal tá aberto e ele não pára, daí, a mulher fica parada e o cara bate na traseira.

Cecília: Então, o que você acha então desse provérbio “mulher no volante, perigo constante”?

Lauro: É verdade, é verdade, concordo.

Cecília: Então, olha só, tem mais um comentário aqui da Maura. A Maura disse o seguinte... (...) A Maura disse que... (*leio a transcrição de fita anterior*). Bom, eu acho que esse problema é meio machista, porque eu acho que não depende de ser mulher ou de ser homem, depende da competência e de saber dirigir ou não. E também a mulher é muito mais cuidadosa que o homem pra esses negócios, também... O que você tem para confirmar pra gente?

Maura: Ah, é isso aí que eu falei.

Cecília: Por que é um problema machista?

Maura: Ah, porque, tipo, antigamente assim o povo sempre, vamos dizer, idolatravam os homens, os homens eram “lá lá lá lá lá lá lá lá lá”, e as mulheres sempre eram sempre aquelas donas-de-casa que não podiam sair, não podia trabalhar, não podia fazer nada, e ainda tinha esses homens... assim... entendeu? Machistas, que pensam que tudo de errado foi a mulher que fez.

Cecília: (...) o Luis Fábio falou, e eu gostaria que alguém comentasse a fala do Luis Fábio. O Luis Fábio disse, no dia da entrevista, o Luiz Fábio disse o seguinte: bom, eu acho que, mulher também faz muito assim, enche, porque assim, corre a cinco por hora, na coisa, deixa os homens irritados. Alguém pode comentar essa fala do Luis Fábio? Berta? O que você acha dessa fala do Luis Fábio?

Berta: Bom, eu acho que o Luis Fábio, utilizando essa frase, ele está sendo machista, porque assim, eu concordo que foram feitas algumas pesquisas e que a diferença do sexo masculino e feminino, homens, em certo ponto, têm mais agilidade que as mulheres, que nem foi provado que os homens dirigem melhor que as mulheres. Eu achava que isso era preconceito, mas a hora em que eu vi assim na estatística, porque desde antigamente, na época, quando surgiram os seres humanos, a mulher tava em casa, cuidando dos filhos, então a mulher tem mais paciência, tais mais praticidade culinária, essas coisas. Homens mexiam com caça, tinha que ficar preparado, escondido, tinha que ser mais ágil. Então, foi provado que os homens, pra dirigir, precisa ter reflexo, agilidade, precisa saber... foi provado que os homens dirigem melhor. Agora, dizer que algumas mulheres fazem isso, eu acho isso errado, só porque mostra que as mulheres não são tão ágeis, não tem tanto reflexo quanto os homens, mas nem por causa disso as mulheres deixam de ser boas quanto eles...

Cecília: Fala, Mércia!!

Mércia: Eu acho que anda devagar porque a maioria tem mais cuidado em não bater. É mais cuidadosa.

Cecília: A Mércia disse... sobre a fala da Berta eu acho que todo mundo ouviu. A Mércia disse que as mulheres são mais cuidadosas. Alguém quer fazer um comentário a respeito do que elas falaram? O Antônio!?

Antônio: Eu acho que sim. E que nem a Amália falou, depende muito da pessoa, porque a pessoa pode ser uma mulher e dirigir muito melhor que um homem, como pode ser um homem e dirigir muito pior que uma mulher.

Cecília: Então tá! A respeito da discussão do... desse provérbio, eu vou encerrar aqui, tem uma outra discussão acerca de um livro que vocês leram, e deixa eu localizar aqui pra gente... (...) Então vamos lá. Agora, é a discussão do livro “Feiurinha”, e nós temos aqui, no início da gravação anterior, a Amália nos dizendo que o livro “Feiurinha” é história do que acontece depois do “felizes para sempre”, que a peça trata de um ponto de vista cômico, o que acontece com as princesas e os príncipes da história se tornando maridos bem típicos. Amália, comenta isso pra gente, você confirma que realmente essa história da “Feiurinha” é a história do depois do “felizes para sempre”, dos príncipes maridos se transformando nos maridos típicos? O que é isso? Explica isso melhor pra gente.

Amália: (...) essa história da “Feiurinha”?

Cecília: O que é essa transformação de marido típico? Se você confirma isso que você disse, o que você achou da história... Se alguém quiser se manifestar também, tudo bem.

Amália: Mostra a convivência, tipo, depois que a gente casa fica diferente a vida, não é? Não é mais aquela vida de solteiro quando você ia, namorava, tinha aquela paixão, aquela coisa, vira só uma convivência, a pessoa já vai se acostumando com os hábitos irritantes das outras pessoas, já vai acostumando a ter aquela pessoa sempre, até que vai passando a ser mais uma convivência do que uma paixão, do que um casamento mesmo, e eles vão se transformando em maridos típicos e elas em mulheres típicas, assim, coisas, briguinhas habituais que todo mundo tem, que é, igual elas falam, que não vai limpar as roupas dele...

Cecília: O que é o marido típico e a mulher típica?

Amália: Bom, pra mim, é que marido típico assim, não vou falar que são todos, porque toda regra tem exceção, são aqueles maridos que depois todo domingo, sábado e domingo fica arranjando coisa pra

fazer dentro de casa, consertando, se achando o máximo se revirando embaixo da pia, tentando consertar um vazamento que tá lá há meses, assiste o futebol de domingo, uma cervejinha do lado, joga carta, mulher a mesma coisa, assim, só que sábado e domingo ela vai ligar, ela vai para a manicure, ela vai escolher roupa, porque assim, a maioria das mulheres, de segunda à sexta tem empregada doméstica, então, elas não precisam mais ficar limpando a casa o tempo todo. Acho que é isso. Aliás, eu acho que agora você me pegou... eu não sei o que é um marido típico e uma mulher típica...

Cecília: Interessante você pensar nisso, se você souber depois... porque quando a gente fala no típico, talvez você esteja pensando num outro tipo também, que você fez referência a história, não sei, tá? Tem um outro comentário aqui que diz o seguinte: que na história do "Feiurinha", o Chapeuzinho tem inveja das outras que têm um marido. O que vocês acham disso? O Chapeuzinho tem inveja das outras que têm marido. O que é isso? Por quê? Alguém quer comentar? Por que será que a Chapeuzinho tinha inveja das outras que tinham marido?

Gilson: Porque na história dela acho que era ela a única que não tinha príncipe, aí, tipo assim, ela ficou uma coisa, tipo assim, ah, eu vou ficar sozinha pro resto da vida? Não, se elas conseguiram um príncipe eu quero um também.

Cecília: Então, no caso, ah, o que você acha que elas achavam de ter um marido? Por quê?

Gilson: Ah, não sei...importante, né! para não ficar sozinha... não sei...

Cecília: Além disso, a Carla, cadê a Carla? (*A mesma se identifica de pronto*) A Carla comentou que existe ali um estereótipo naquela história de que a mulher tem que ser magra. Ela disse o seguinte: Ah, mas só eu, eu vou ficar encabulada... eu nunca fiquei encabulada, tá? É por causa que a gente comentou isso por causa do estereótipo que existe. Você tem que ser magra, você tem que ser magra, não importa, você tem que ter aquele corpo. Comenta pra gente, Carla, comenta pra gente esta questão do estereótipo de ser magra.

Carla: Eu não sei porque ...

Cecília: O que você acha da mulher viver com esse estereótipo de ser magra?

Carla: Por causa que hoje em dia já é muito padrão, sabe? Aí, como todas têm, quem não é magra fica com ciúmes...

Cecília: O que você acha desse padrão?

Carla: Ah, eu acho que assim, é meio difícil reverter isso que já tem, sabe? Mas eu acho que é uma bobeira, mas, por mais que todo mundo ache bobeira, ninguém vai discordar porque já existe, sabe?

Cecília: E é bobeira por quê?

Carla: Ah, porque não precisa assim, tipo, ser magra pra ser feliz, pra, sabe...

Cecília: Tá, por enquanto obrigada, Carla. (...) Amália! Você disse na entrevista anterior que achava injusto... (*risadas*) porque o homem, com o tempo, ele não mudou o trabalho dele. A mulher mudou, aliás, a mulher não mudou, ela acumulou trabalho, porque agora além de cuidar da casa e cuidar dos filhos, ela tem que trabalhar fora. Isso é uma injustiça! Comenta isso pra gente...

Amália: Ah, por causa de, igual falou aí antes, que hoje em dia a mulher trabalha, ela tem que cuidar da casa, ela tem que ser duas mulheres assim da vida dela, por causa que, todas as mulheres têm um sonho, todas querem ter os seus filhos, mas todas também almejam ter carreiras, almejam ter um futuro brilhante, às vezes elas até deixam em segundo plano esse negócio de ter família para ter uma carreira. Eu por exemplo, eu acho que, se eu for me casar, eu só vou me casar quando eu tiver o meu emprego. Quando eu tiver a minha vida estabilizada. Então, eu acho que assim, a mulher agora ela tem que dividir as mulheres que ela é, se ela é a mulher empresária, a mulher que trabalha, a mulher que põe o dinheiro dela, que almeja uma função melhor igual aos homens ou se ela é mãe de família, se ela é aquela mulher que vai ficar em casa educando os filhos. E o homem moderno... tanto é que assim, ele sai, pra ele, ele só tem que procurar dinheiro, ele traz esse dinheiro pra casa e tá ótimo isso, ele assim, não... eu sei, lógico que têm os pais que se preocupam bastante, ajudam a cuidar e tudo, só que não é a mesma entrega, não sei se você vai concordar comigo, não é a mesma entrega que uma mãe tem para com um filho. Então, eu acho assim, que teria que mudar isso, porque o homem teria que ver que não tem vergonha nenhuma ajudar a pessoa que você tem em casa, seja lavando louça, seja ajudando, dividindo as tarefas, para que ela poder ficar um pouco com os filhos dela, e você também. Acho que isso é um pouco de injustiça porque ele ainda não viu a posição que ele deixou a gente, que mudou, assim, pra mim, às vezes eu olho pra trás, o quê? Tem 60 anos, nos anos sessenta... tem 40 anos que começou a acontecer essa revolução, que a gente tem que agradecer muito às mulheres dos anos 60 porque elas que transformaram a gente no que a gente é hoje, deram o primeiro passo. Se a gente olhar, 40 anos não é muita coisa. Em vista de uma história, não é, de uma sociedade, de contar uma história igual a nossa sociedade, todas do mundo, não é muito tempo, e eu acho que isso às vezes veio meio que de impacto. Porque muita gente nasceu naquela época, muitos maridos de hoje em dia, e às vezes eles não cabem em si que a função deles

não é só alimentar, a função é educar também, que tem que ajudar, ajudou a colocar no mundo, agora ajuda a criar, que no momento que a pessoa falou “tô grávida”, agora é pra vida inteira. (*Uma salva de palmas encerra a fala da aluna*).

Cecília: Obrigada! Hélio!? O Hélio, da outra vez que a Amália falou, o Hélio fez uma observação seguinte (lendo a transcrição): eu acho que ela – com referência a Amália – que ela não ia arranjar marido, porque a Amália, de acordo com a fala dela... isso... você está sem voz?... Tá bom, Hélio... (*burburinho*) Aí, além disso, além disso... (...) conta pra gente, **Lauro, você disse que o Hélio falou que ele não gosta de mulher muito esperta porque dá trabalho**. Comenta pra gente. Além disso, Lauro, você disse também que o seu pai é separado e que ele toma conta de tudo, que ele cozinha, arruma as coisas, e que você acha que não tem nada a ver isso. Então, comenta pra gente a fala do Hélio e o que você falou do seu pai.

Lauro: **É, tipo, não tem nada a ver cuidar da casa, essas coisas, por exemplo, meu pai é divorciado da minha mãe, ele tem que arrumar tudo sozinho. Aí, por exemplo, sei lá, as pessoas cuidam do que elas têm mais necessidade, assim, então, não tem a obrigação de ser homem ou ser mulher pra cuidar da casa (...)**.

Cecília: O Lauro, e com relação à fala do seu colega Hélio? Você falou que ele não gosta de mulher inteligente porque dá trabalho...

Hélio (*rindo*): **Ele disse que dá trabalho ter mulher inteligente porque ela vai contestar muito o que ele fala...**

Cecília: E o que você acha disso? Você acha que é por aí?

Hélio: **Ah, sei lá... eu acho que a minha opinião é parecida com a dele mesmo também... dá muito trabalho mesmo...**

Cecília: **Que tipo de trabalho?**

Hélio: **Ah, discute muito.**

Cecília: **Você não gosta?**

Hélio: **Dá dor de cabeça.**

Cecília: Mas olha só, quando ela discute muito, o que você acha que ela coloca em jogo assim que você não gosta?

Hélio: Hum... é... não sei... depende muito do caso...

(...).

Cecília: Agora, com relação ao livro “A Infância Acabou”... “A Infância Acabou”... quem? (*burburinho*) Tá bom, o que você acha do livro “A Infância Acabou”, do relacionamento dos meninos e das meninas, o que você acha?

Robson: É um relacionamento normal, não é?

Cecília: Normal?

Robson: Normal entre aspas... eu acho que... eu acho que... (...) (o aluno não consegue se expressar)

Cecília: Tem uma coisa que foi dita aqui a respeito do livro, é que entre os meninos tinha muita gíria e entre as meninas não tinha, é isso? O que você acha disso?

Robson: Olha, eu acho que menino quando faz aquelas cartas sempre usa gíria... (...).

Cecília: Então, vamos aqui pro outro “Luquinha” aqui; você falou que é muito “relaxado”. O que é relaxado aqui nesse livro que você acabou? Explica pra gente.

Guilherme: Ah, mas eu não sei explicar, mas... eu acho que é assim, até na escola, quem se empenha mais são as meninas, é claro que existem alguns meninos que se empenham também, mas, as meninas... se empenham mais que os garotos... sei lá... só estranho...

Cecília: Na realidade, não é o “Luquinha” que está falando, é o Guilherme, né Guilherme? Eu errei o nome, mas... o que você fala aí que um é relaxado, outro é desempenho, o que é isso? Eu não entendi direito sua explicação...

Guilherme: Ah... na verdade eu nem sei explicar direito, esse assunto é muito difícil...

Cecília: É? Ah, Guilherme, que pena...

ANEXO 4

ESCOLA II

O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA

Bandeira, P. **O fantástico mistério de Feiurinha**. São Paulo: FTD, 1999

Pedro Bandeira

**O fantástico mistério de
FEIURINHÃ**

Ilustrações

Avelino Guedes

Prêmio Jabuti/1986 — melhor texto infantil



O texto deste livro foi também escrito pelo Autor na forma de peça teatral. Os colégios ou grupos de teatro interessados na montagem da peça devem pedir autorização à SBAT — Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, por carta, neste endereço: Avenida Almirante Barras, 97 — 3ª andar, CEP 20031-005 — Rio de Janeiro — RJ. O texto da peça será enviado posteriormente pelo Autor aos grupos solicitantes, através da SBAT.

Copyright © Pedro Bandeira, 1986
Todos os direitos de edição reservados à
EDITORA FTD S.A.
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 (Rua Vista) São Paulo - SP
CEP 01326-010 - tel.: (0-XX-11) 3253-5011 - Fax (0-XX-11) 3284-9500 r. 282
Caixa Postal 651-49 - CEP da Caixa Postal 01380-970
Internet: <http://www.ftd.com.br>
E-mail: projeto@ftd.com.br

Editora
Lene Midani Nassar

Edições Assistentes
Joyce Regina Loyola Franco
Marie Nakagawa

Revisão
Kátia Mari L. Marinho
Neli A. Vicentino

Editor de Arte
Eduardo Azevê Lino da Silva

Digitação
Renata Godoy de Jesus

Diagramação
Kátia Cristina Botta

Edição Eletrônica
Coordenação: Carlos Rizzi
Reginaldo Soares Damasceno
Finalização: Ana Isabel Marachini Inala
Andréa Wolff Gowdik

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro, 1942.
O fantástico místico: de Piranha / Pedro Bandeira; ilustrações Avêlino Guedes. —
23. ed. — São Paulo: FTD, 1999. — (Coleção excelsas histórias)

1. Literatura infanto-juvenil I. Guedes, Avêlino, 1948. II. Título. III. Série.
99-3127 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Í M D A C E

9
CAPÍTULO ZERO

15
CAPÍTULO ZERO E MEIO

23
CAPÍTULO ZERO E TRÊS QUARTOS

37
CAPÍTULO ZERO, TRÊS QUARTOS E MAIS UM POUQUINHO

39
CAPÍTULO ZERO, TRÊS QUARTOS E OUTRO POUQUINHO

47
CAPÍTULO ZERO E CINCO SEXTOS

53
CAPÍTULO ZERO, CINCO SEXTOS E TANTO

61
CAPÍTULO ZERO, QUASE UM

63
CAPÍTULO ZERO, MAIS QUE QUASE UM

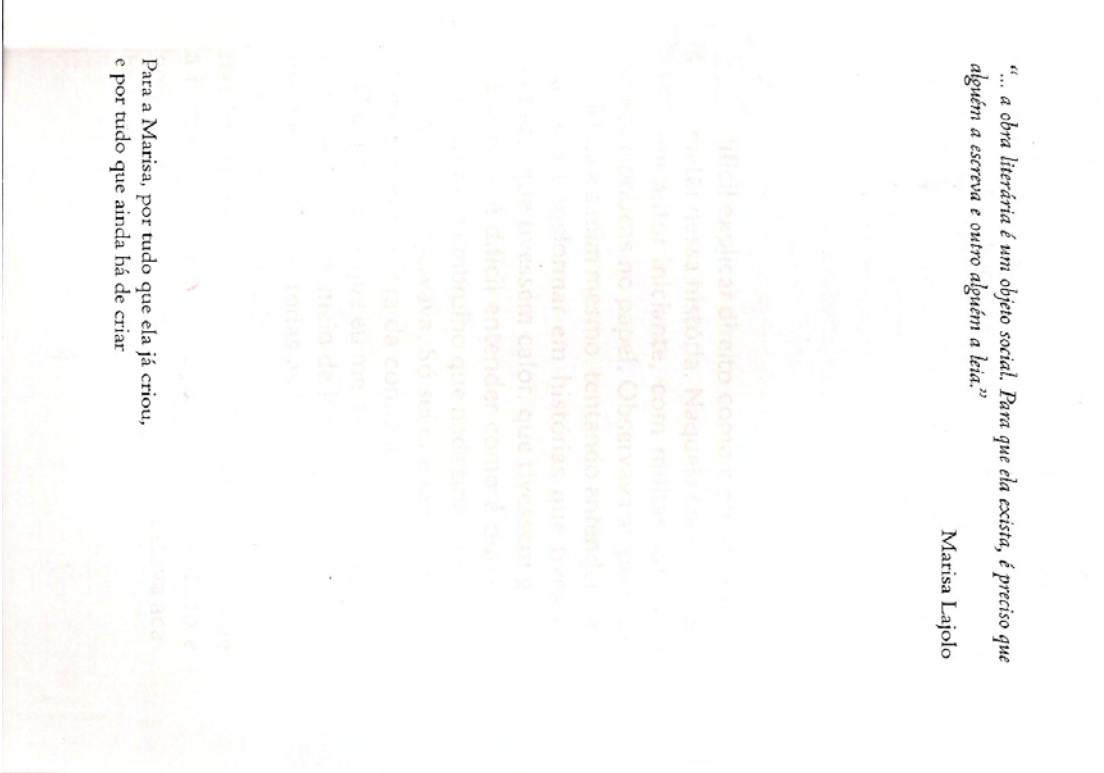
89
CAPÍTULO ZERO, QUASE CAINDO NO UM

90
CAPÍTULO UM



“... a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e outro alguém a leia.”

Marisa Lajolo



Para a Marisa, por tudo que ela já criou,
e por tudo que ainda há de criar

CAPÍTULO ZERO



É difícil explicar direito como é que eu fui me meter nessa história. Naquela época, eu era um autor iniciante, com muitas idéias na cabeça e poucas no papel. Observava as pessoas, os bichos e a mim mesmo, tentando entender tudo e a tudo transformar em histórias que tivessem verdade, que tivessem calor, que tivessem graça.

Por isso, é difícil entender como é que eu fui me meter num embrulho que nada tinha a ver com tudo que eu observava. Só sei que me meti e não soube como cair fora da confusão.

O engraçado é que eu me meti no meio da confusão, mas não no meio de história nenhuma. Eu me meti *no fim* de todas as histórias.

Você se lembra, não é? Quase todas as histórias antigas que você leu terminavam dizendo que a heroína se casava com o príncipe encantado e pronto. Iam viver felizes para sempre e estava acabado.

Mas o que significa “viver feliz para sempre”? Significa casar, ter filhos, engrordar e reunir a família no domingo pra comer macarronada? Quer dizer que a felicidade é não viver mais nenhuma aventura? Nada mais de anõeszinhos, maçãs envenenadas e sapatinhos de cristal? Como é que alguém pode viver feliz sem aventuras?

Ah, não pode ser! Não é possível que heróis e heroínas tão sensacionais tenham passado o resto da vida assistindo ao tempo passar feito novela de televisão. É preciso saber o que acontece depois do fim.

Pois fique sabendo que, mesmo sem querer, eu

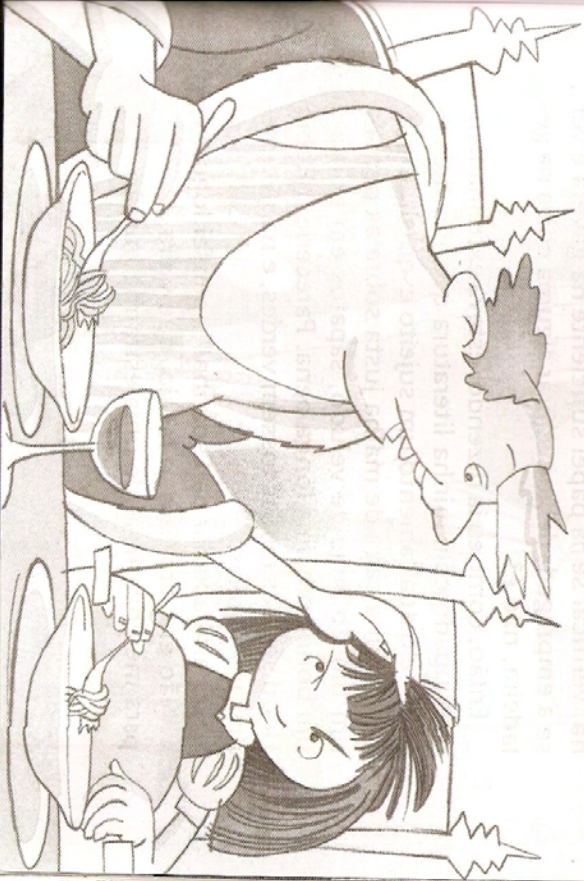


tive essa oportunidade. E é isso que eu quero contar para você.

Quando aconteceu? Também é difícil responder a essa pergunta. Quando aconteceram as histórias de fadas e princesas? Olha, eu acho que todas começaram ao mesmo tempo, porque todas começam assim:

Era uma vez, há muitos, muitos anos atrás...

Está vendo? Nem um *muito* a mais, nem um *muito* a menos. Assim, fica provado que todas as histórias começaram ao mesmo tempo. E, se to-



das começaram ao mesmo tempo, todas terminaram também mais ou menos ao mesmo tempo, não é?

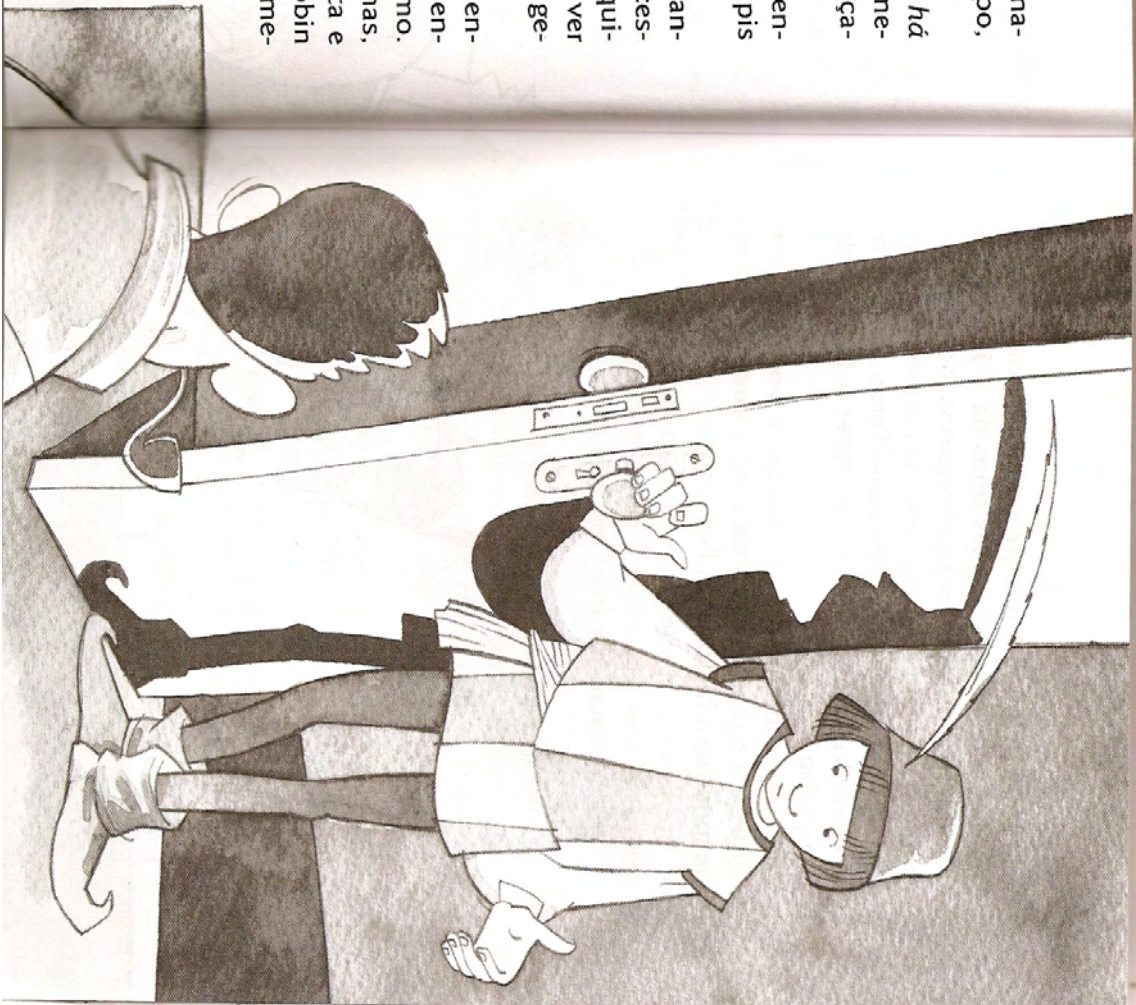
Pois foi justamente alguns anos depois de *há muitos, muitos anos atrás* que esta história começou, ou que todas as outras histórias começaram. Comigo no meio...

Estava eu sozinho no meu pequeno apartamento, extremamente ocupado apontando um lápis quando...

Naturalmente você sabe que os escritores, quando estão sem inspiração, sentem inadiável necessidade de apontar lápis, limpar os tipos da máquina, verificar se há papel suficiente na gaveta e ver se a empregada deixou sobrar alguma coisa na geladeira, não é?

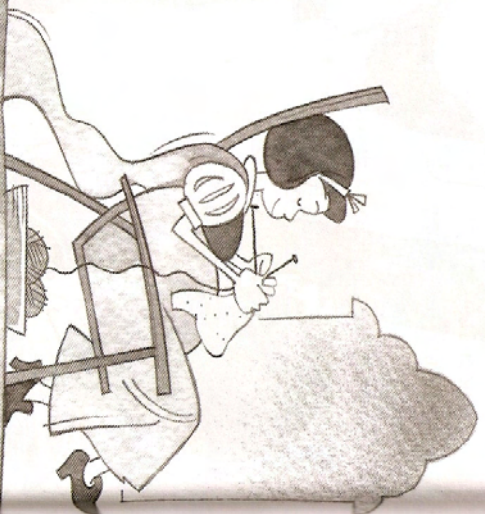
Então, como eu ia dizendo, estava extremamente ocupado com minha literatura quando me entrou pelo apartamento um sujeito esquisitíssimo. Vestia uma calça de malha justa sobre as pernas, um blusão largo de veludo, sapatos em ponta e um boné com uma longa pena. Pareceria o Robin Hood se suas roupas fossem verdes, e não vermelhas e amarelas.

"O embaixador da Espanha!", pensei logo. Não era. Era Caio, o lacaio, que viera para me encarregar de uma estranha missão.



Agora estou novamente sozinho com a máquina de escrever à frente. Os tipos da máquina estão limpos, os lápis estão apontados, há papel de sobra na gaveta e Jerusa, a velha empregada, não deixou sobrar nada na geladeira. Estou, portanto, preparado para começar a escrever a história da Feurinha.

Antes, porém, preciso contar a você como é que eu me meti nessa enrascada e como é que eu reconstruí a história da Feurinha.



CAPÍTULO ZERO E MEIO

Era uma vez, há muitos, muitos anos atrás mais vinte e cinco anos, uma senhora de cabelos negros como o ébano, onde já começavam a aparecer alguns fios brancos como a neve, bem da cor da pele dela, que também era branca como a neve.

O nome da tal senhora era Branca Encantado. Nos tempos de solteira, o sobrenome dela era “De Neve”, mas, depois que se casou com o Príncipe Encantado, Dona Branca passou a usar o sobrenome do marido.

Dona Branca estava com uma barriga enorme, esperando o seu sétimo filho, para ser afilhado do sétimo anãozinho, que vivia reclamando pelo fato de todos os outros anões já serem padrinhos de filhos de Dona Branca e faltar um para ser afilhado dele.

Dali a uma semana ia fazer vinte e cinco anos que Dona Branca havia se casado para ser feliz para